

O Anfiteatro Invisível

Marta C. Lourenço

Museu Nacional de História Natural e da Ciência, Universidade de Lisboa

mclourenco@museus.ulisboa.pt

A esmagadora maioria dos museus em Portugal foram construídos sobre edifícios já existentes, sobretudo antigos conventos, hospitais, palácios e casas de família. São muito menos frequentes os casos em que o edifício do museu foi construído de raiz, como por exemplo o Museu Gulbenkian, o novo Museu Nacional dos Coches e o MAAT, o Museu Marítimo de Ílhavo ou o Museu do Côa. Esta situação não é, evidentemente, exclusivamente portuguesa. Basta pensar naquele que é o museu mais conhecido do mundo, o Museu do Louvre, que foi inicialmente palácio real e, em 1793, reimaginado como o primeiro grande museu da nova república francesa.

O que separa os primeiros dos segundos, para além das dificuldades de adaptação da circulação, logística e segurança, é que os primeiros têm uma 'pré-história', frequentemente riquíssima e largamente ignorada no presente. Por vezes, essa 'pré-história' salta-nos aos olhos, clamando por ser contada. Quantas vezes não estamos a visitar um museu de arte ou de ciência e vemos uma lareira histórica, um pedaço de chaminé, ou umas escadas em caracol que não vão dar a lado nenhum? Ficamos intrigados e curiosos, mas não encontramos respostas.

O mesmo se passa com o Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC). De uma forma breve, no espaço que é hoje o MUHNAC estiveram instaladas quatro instituições desde o século XVII: o Noviciado da Cotovia (1609-1759), o Real Colégio dos Nobres (1761-1837), a Escola Politécnica de Lisboa (1837-1911) e a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (1911-2002¹). O Museu Nacional de História Natural, um dos dois antecessores do MUHNAC, entra ali em 1858² e fica na dependência da Escola Politécnica, primeiro, e depois da Faculdade de Ciências. Em 2013, funde-se com o outro antecessor, o Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, entretanto criado em 1985 por Fernando Bragança Gil (1927-2009)³.

No Museu, demorámos todos demasiado tempo a tomar consciência de que havia uma pré-história para contar. Em 1987, na Reitoria, Fernando Bragança Gil organiza uma exposição comemorativa dos 250 anos da Escola Politécnica, onde essa história é primeiramente abordada⁴, com fundos bibliográficos, documentais, iconográficos e também alguns objetos históricos. Uma versão reduzida dessa

exposição abre ao público em 2002, na Politécnica, nos espaços da biblioteca. No entanto, é apenas em 2011, por ocasião do centenário da Universidade de Lisboa, que essa história ganha folego e protagonismo público, sendo exposta no átrio principal do MUHNAC, juntamente com o túmulo 'perdido' de Fernão Telles de Menezes, o fundador do Noviciado da Cotovia. Foi também nessa altura, em resultado da organização e catalogação dos arquivos, que nos apercebemos de forma mais evidente da importância histórica, política, científica e social do nosso *esprit du lieu* e da riqueza extraordinária das nossas fontes. Trata-se de um trabalho contínuo porque a toda a hora se descobrem fragmentos dispersos que iluminam, a cada vez, o que sabemos. É uma tarefa difícil – e quanto mais próximo do presente mais difícil se torna.

Vem esta introdução a propósito da dificuldade recente em perceber quando o Departamento de Física da Faculdade de Ciências atribuiu a designação 'Anfiteatro Manuel Valadares' ao antigo Anfiteatro de Física (Figura 1), hoje integrado nos espaços do Museu e usado diariamente para as mais diversas atividades. Sabíamos que a cerimónia teria sido no início dos anos 80, mas algumas pessoas que nela participaram não se lembravam com precisão; outras já morreram. Por outro lado, a data caía num 'ponto cego' dos nossos arquivos históricos: o ponto de viragem com os arquivos da Faculdade de Ciências. Nada sobre a cerimónia aparecia na documentação institucional nem num lado nem noutro.

Até que, finalmente, se encontrou um convite no espólio pessoal de Armando Gibert (1914-1985), doado ao Museu pela família em 2015⁵. Tal permitiu recuperar a data e, atra-



Figura 1 - Placa de atribuição da designação de Manuel Valadares ao Anfiteatro de Física da FCUL (cortesia ULISBOA-MUHNAC).

vés dela, os participantes e contexto. A história é contada neste número da Gazeta de Física. O Anfiteatro já conta com um magnífico busto de Manuel Valadares, feito por Maria Valadares⁶. Foi colocado em 2008 por Ana Eiró, na altura diretora do Museu (Figura 3).



Figura 2 - Busto de Manuel Valadares (gesso de cor afogueada, Maria Valadares). INV. UL-MUHNAC-3493 (cortesia ULISBOA- MUHNAC).

O que interessa reter deste episódio são duas coisas. A primeira é que os museus têm a responsabilidade de contar as histórias das instituições que os antecederam nos espaços que ocupam. Não podem fazer tábua rasa como se estas não tivessem existido e só o próprio museu contasse. Para isso, precisam de procurar proactivamente as fontes relevantes de arquivo, iconográficas e de objetos, e de estarem abertos para as receber em doação ou depósito, mesmo que estas caiam fora do âmbito disciplinar habitual dos seus acervos.

A segunda é sobre a importância dos espólios pessoais. Na realidade, para além de iluminarem a vida e obra de determinada personalidade científica, os espólios pessoais possuem dados sobre as práticas científicas e pedagógicas que frequentemente estão fora do radar dos arquivistas (cadernos de campo, dados de laboratório, fotografias, etc) e, como bem demonstra este episódio, colmatam falhas nos arquivos institucionais e, até, na memória recente dos envolvidos.

Há muito a fazer para a documentação, estudo e divulgação pública das histórias das instituições, pessoas e ideias que precederam o MUHNAC naquele espaço incrível da Rua da Escola Politécnica, em Lisboa. Ser um grande museu não é só ter muitas coleções ou muitos visitantes. É também honrar este importante legado e manter viva a sua memória.

¹A data de 2002 corresponde à saída do último centro de investigação da FCUL para o Campo Grande. Só nessa altura é que o Museu ficou verdadeiramente sozinho naquele espaço.

²L. Póvoas, César L. Lopes, I. Melo, A.I Correia, M.J. Alves, H. Cardoso, A.M. Galopim de Carvalho, 2011. O Museu Nacional de História Natural. In M. C. Lourenço, M.J. Neto (eds). Património da Universidade de Lisboa. Ciência e Arte, pp. 17-34. Lisboa: Tinta da China/Universidade de Lisboa.

³F. Bragança Gil, 2010 (1994). Museu de Ciência da Universidade de Lisboa: Sua caracterização à luz da museologia das ciências. In Ana M. Eiró e Marta C. Lourenço (coord.), Fernando Bragança Gil. Colectânea de Textos sobre Museus e Museologia, pp. 169-200. Museu de Ciência da Universidade de Lisboa.

⁴Fernando Bragança Gil, Maria da Graça Salgado Canelhas (coord.), 1987. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa: passado, presente, perspectivas futuras. Lisboa : Museu de Ciência da Universidade de Lisboa.

⁵AHMUL, Arquivo pessoal Armando Gibert, correspondência com Manuel Valadares, PT-MUL-AG.

⁶O busto é proveniente do gabinete de Manuel Zaluar Nunes e foi doado em 2007 por Júlia Perez Fernandez, através da mediação de Luís Saraiva, então subdiretor do Museu.



Marta Lourenço é Diretora do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, Universidade de Lisboa



Figura 3 - Vista geral do Anfiteatro Manuel Valadares com o seu Busto (cortesia ULISBOA-MUHNAC).